

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

MATRIZ AFRICANA E EDUCAÇÃO MUSICAL: UM ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO
DA PALAVRA “MACUMBA” A DETERMINADOS GÊNEROS MUSICAIS FEITA POR
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

JULIA BRAGANÇA CAVALCANTE

RIO DE JANEIRO, 2014

MATRIZ AFRICANA E EDUCAÇÃO MUSICAL: UM ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO
DA PALAVRA “MACUMBA” A DETERMINADOS GÊNEROS MUSICAIS FEITA POR
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Por

JULIA BRAGANÇA CAVALCANTE

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música
submetido ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e
Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em música, sob a orientação da
Professora Mestre Joana Malta Gomes;

Rio de Janeiro, 2014

MATRIZ AFRICANA NA AULA DE MÚSICA: UM ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DA
PALAVRA “MACUMBA” A GÊNEROS MUSICAIS POR ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

JULIA BRAGANÇA CAVALCANTE

Avaliado por:

Orientador(a)

Segundo(a) leitor(a)

Data da apresentação 06/06/2014

Rio de Janeiro, 2014

*À minha mãe, por ter bancado incondicionalmente
todas as dificuldades da minha formação acadêmica*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Joana Malta Gomes, que não mediu esforços para me ajudar a concluir esse trabalho;

À Joana Saraiva, por me ajudar a direcionar as minhas ideias afim de finalmente escolher este tema de pesquisa e por sempre se oferecer para ajudar na composição do trabalho;

Ao Marcelo Amorim por me prover as músicas de seu acervo pessoal, de onde retirei os exemplos do teste de escuta;

Ao Daniel Conceição, Marcelo Amorim, Miguel Nardi, Priscila Gomes, Alerson Rodrigues e ao médico e amigo Bruno Correia, por me visitarem e ajudarem muito em momentos difíceis por conta de uma crise de hérnia de disco;

Ao Adam Alfred, por consertar meu computador com toda a boa vontade e na mais pura amizade;

Ao Pablo Meijueiro, por me indicar o professor Flávio Freitas e me ajudar com o power point da apresentação oral;

Ao Flávio Freitas, por me ceder o tempo e espaço de sua aula para fazer o teste de escuta com sua turma;

Ao Ciep 118 Vereador Wilson Campos Macedo, por autorizar a realização do teste com seus alunos;

À turma do 903 do Ciep 118 Vereador Wilson Campos Macedo, por participar com tanto entusiasmo do teste;

Aos novos e já queridos amigos da comunidade Norte Comum, por me proporcionar momentos necessários de descontração (intensa) ao longo desse processo;

À minha mãe, Maria Alice S. Bragança, por tudo, sempre.

RESUMO

Este trabalho pretendeu verificar e refletir sobre a associação da palavra “macumba” a exemplos de músicas de matriz africana feita por alunos do Ensino Fundamental. Utilizando a palavra “macumba” como um termo genérico, os alunos demonstram o conhecimento acerca da música brasileira e dos elementos musicais ligados a práticas religiosas de matriz africana. Foram apresentados 16 exemplos musicais, de matriz africana ou não e coletadas as primeiras impressões acerca desses exemplos. O teste foi aplicado a 29 alunos do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro e os dados coletados foram analisados qualitativa e quantitativamente, juntamente a uma bibliografia que procura explicitar os problemas sócio-religiosos encontrados nas salas de aula para se trabalhar com história e cultura de matriz africana. A partir das análises e reflexões, foram levantadas hipóteses sugerindo em que níveis ocorrem tal associação.

Palavras-chave: Educação Musical; Música de Matriz Africana; Ensino Fundamental.

LISTA DOS EXEMPLOS MUSICAIS DO TESTE DE ESCUTA:

- Exemplo 1 - Eu vim da Barra - Jongo Quilombo São José
- Exemplo 2 - Morô Omim Má - Maracatu Estrela Brilhante
- Exemplo 3 - Tongue o Conguê - Maracatu Estrela Brilhante
- Exemplo 4 - Mamãe foi pro jongo - Jongo da Serrinha
- Exemplo 5 - Endereço dos bailes – MC Junior & MC Leonardo
- Exemplo 6 - Feirinha Da Pavuna - Jovelina Pérola Negra
- Exemplo 7 - Rap Du Bom - Rappin Hood
- Exemplo 8 - Exu - Metá Metá
- Exemplo 9 - Banditismo Por Uma Questa - Nação Zumbi
- Exemplo 10 - Côco Dub (Afrociberdelia) - Nação Zumbi
- Exemplo 11 - A Feira De Caruaru - Luiz Gonzaga
- Exemplo 12 - Cabelo de fogo – Maestro Nunes
- Exemplo 13 - Canto de Xangô – B. Pawell e V. Moraes
- Exemplo 14 - Sé Wé Non Nan – Orchestre Polyrithmo de Cotonou
- Exemplo 15 - Orixango – Orixango
- Exemplo 16 - One Love – Bob Marley

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. MATRIZ AFRICANA, MÚSICA E EDUCAÇÃO	12
1.1 Cultura brasileira e matriz africana: grupos etnolinguísticos mais influentes na formação da cultura brasileira	12
1.2 Música popular e religiões de matriz africana	14
1.3 Lei 10.639 de 2003 – A obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira.	15
2. A PESQUISA DE CAMPO	17
2.1 A escolha dos exemplos de escuta	17
2.2 A aplicação do “teste de escuta”	18
3. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	19
3.1 Categorias e quantidades	19
3.1 Análise qualitativa	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
ANEXO	27

Introdução

A ideia de fazer esta pesquisa nasceu de uma experiência vivida em um trabalho social com crianças e adolescentes de uma ONG de assistência escolar no Morro do Amor, em Lins de Vasconcelos, Méier, região Norte do Rio de Janeiro. Minha experiência por lá foi curta, mas suficiente para me deparar com um problema que considerei digno de maior atenção: a resistência da maioria dos alunos em participar de atividades de matriz africana que eram por mim aplicadas e por eles considerada “macumba”, palavra que por algum motivo automaticamente vinculava a essas atividades um valor não pertinente à sua prática.

Um exemplo foi a exibição de um vídeo de maracatu. Ao rodar o filme, logo percebi o desconforto de alguns alunos em estar vendo/ ouvindo aquilo, desconforto esse seguido de risadas de constrangimento, que tentavam ser discretas, até que alguém mais corajoso verbalizasse a tal palavra. Estimulados pela iniciativa do primeiro, aos poucos outros alunos, começaram a soltar comentários e declarações sobre o vídeo, sempre em tom pejorativo, pois afinal de contas, “se tratava de macumba”. E as reações foram se intensificando, até que alguns deles terminaram por não querer participar da atividade.

Ao relatar a história a alguns colegas educadores do ensino público, tive conhecimento de casos parecidos. Logo vieram os questionamentos, tanto no que diz respeito ao porquê de tal associação quanto, sobre como lidar com essa situação.

Se isso é uma verdade e uma rotina vivida por professores de música, temos então um problema. Esta não é uma questão fácil de resolver considerando que envolve não somente o aprendizado que acontece na escola, mas também a experiência de vida dos alunos, suas crenças e valores construídos principalmente, por meio da interação com seu grupo familiar. Sendo este um trabalho de conclusão de curso, procurei me limitar, nesse primeiro momento, a investigar se de fato isto acontece.

O que é “macumba”? Todas as músicas de matriz africana são associadas a essa palavra? Outros gêneros não pertencentes a essa origem também são associados? Quais elementos musicais os alunos identificam e associam à “macumba”? Uma mudança de timbre, um arranjo moderno ou uma formação que fuja dos padrões tradicionais de tais gêneros podem ser o suficiente para que a associação não ocorra? Essas são questões que buscam respostas na pesquisa executada a fim de redigir este trabalho.

Objetivo

Diante destas questões, o objetivo desta pesquisa se desdobra em dois tópicos:

- 1- verificar se a palavra “macumba” é associada a exemplos de músicas de matriz africana, por alunos do ensino fundamental, em atividades de escuta na aula de música da escola regular;
- 2- Analisar o discurso dos alunos, procurando identificar temas ou categorias que possam levar a possíveis respostas (ou hipóteses) para as questões anteriormente apresentadas.

Justificativa

Em 2003, foi aprovada a Lei 10.639 que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira’” (BRASIL, 2003). Pesquisas vêm sendo feitas e escritas tratando do tema da educação voltada para o resgate da Cultura Afro-Brasileira, contudo esse tema ainda não foi muito discutido no campo da educação musical. O 2º parágrafo do artigo 26-A da LDB, alterada pela Lei 10.639, diz

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, **em especial nas áreas de Educação Artística** e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003, grifo meu).

Como é possível notar na passagem destacada, é dado à educação artística um papel especial na implementação dessa lei. Mas, para isso, a educação musical precisa ter ferramentas e estratégias de ensino para poder tratar de forma ética, crítica e laica o que as músicas de matriz africanas representam na nossa sociedade.

Metodologia

Esta é uma pesquisa exploratória que contou com uma revisão da literatura tanto sobre o conceito de matriz africana como o ensino da cultura afro-brasileira na escola. Também foram coletados dados a partir de um teste de escuta realizado com alunos do 9º ano do ensino fundamental da rede municipal de Duque de Caxias.

Coleta de dados:

Para o teste de escuta foram selecionados 16 exemplos musicais, incluindo músicas de matriz africana de diferentes gêneros, com timbres, arranjos e formações diversas, assim como músicas de outras culturas. Aos alunos foi dada uma folha em branco para que eles enumerassem de acordo com cada exemplo e escrevesse sua impressão da escuta, de

forma livre e espontânea.

Análise:

Os dados (respostas dos alunos) foram transcritos para uma tabela. As respostas foram quantificadas de acordo com os temas identificados a partir de uma análise qualitativa do discurso dos alunos. A intenção de quantificar as respostas procura atender ao primeiro tópico do objetivo e não tem como pretensão nenhuma generalização, apenas a ilustração de um fato isolado de uma aula de música. Os casos mais discrepantes foram analisados separadamente.

CAPÍTULO 1 MATRIZ AFRICANA, MÚSICA E EDUCAÇÃO

A fim de explicar o termo adotado neste trabalho (e que dá nome ao capítulo) e antes de entrar, de fato, no tema proposto, fez-se necessária esta passagem, relatando rapidamente, e sem grandes aprofundamentos, a origem da música brasileira de matriz africana. Segundo Nei Lopes, “a cultura brasileira e, logicamente, a rica música que se faz e consome no país estruturam-se a partir de duas básicas matrizes africanas, provenientes das civilizações conguesa e iorubana” (LOPES, 2005, p.1).

1.1 Cultura brasileira e matriz africana: grupos etnolinguísticos mais influentes na formação da cultura brasileira

Como dito, o Brasil herdou costumes de dois grandes grupos etnolinguísticos. O primeiro deles, a Matriz Congo, referente aos bantos, trouxe em sua bagagem comemorações de rua e festas de coroação dos reis de Congo, assim como “festejos em forma de congadas, congados ou cucumbis (do [idioma] quimbundo kikumbi – festa ligada aos ritos de passagem p/ puberdade)” (LOPES, 2005, p.1). A prática destes festejos mesclada às procissões católicas no Brasil, deu origem a importantes manifestações culturais brasileiras, como os maracatus, os ranchos, os reizados, as folias e, posteriormente, os blocos carnavalescos de rua e as escolas de samba.

A comunidade banta foi, portando, responsável pela origem da maior parte da música dita “profana”, ou seja, a música de festa, de rua, de manifestações populares de toda a América, tendo, no Brasil, o samba como sua maior representação. “Dentre as danças do tipo batuque ou samba listadas pela etnomusicóloga Oneyda Alvarenga, com exceção da tirana e da cachucha, todas elas trazem, no nome e na coreografia, evidências de origem banta” (LOPES, 2005, p.2).

Vários instrumentos musicais até hoje utilizados na música popular brasileira são de origem banta, como a cuíca, o berimbau, o ganzá e o reco-reco.

Esse grupo também participou, com suas práticas musicais e religiosas, da formação sociocultural da “Pequena África”, região central e portuária do Rio de Janeiro, assim chamada por manter fortemente a cultura de matriz africana trazida por negros livres, pós-abolição, que migraram para esta cidade e se concentraram aí. Neste espaço,

que englobava a região da Pedra do Sal, no Morro da Conceição, até a Cidade Nova, Catumbi e Estácio, mantinha em suas casas uma delimitação geográfica dos gêneros musicais.

Nas festas dessa comunidade a diversão era geograficamente estratificada: na sala tocava o choro, o conjunto musical composto basicamente de flauta, cavaquinho e violão; no quintal, acontecia o samba rural batido na palma da mão, no pandeiro no prato-e-faca e dançado à base dos sapateados, peneiradas e umbigadas (LOPES, 2005, p.3).

Essa mistura de gênero que acontecia simultaneamente em festas caseiras, gerou o samba urbano carioca.

Já o outro grupo etnolinguístico que interferiu na formação de gêneros brasileiros de matriz africana, foram os iorubás, ou nagôs, provenientes da África Ocidental.

A vinda de africanos e todos os procedimentos feitos pelos traficantes, vendedores e compradores de escravos, a fim de desestimular a identidade e formação de comunidades negras no Brasil (para que não ganhassem força), fez com que as características peculiares de cada grupo etnolinguístico fossem apagadas, diluídas ou mescladas.

As inúmeras variantes culturais locais, tanto no caso dos bantos, como dos iorubás ou nagôs, não sobreviveram como unidades autônomas e muitas foram totalmente perdidas no Brasil. Diferenças específicas foram apagadas, amalgamando-se em grupos genéricos (PRANDI, 2000, p.54).

A formação desses grupos genéricos consistia na resistência de alguns costumes de cada região, e no caso dos iorubás, seu idioma foi hegemônico entre os grupos negros da Bahia, assim como desse grupo saíram os principais representantes da luta pela valorização e afirmação sociocultural do negro. Os iorubás foram a principal referência no processo civilizatório da diáspora negra no Brasil (Lopes, 2005) e formaram resistência cultural em todos os países de destino.

A manutenção dessas duas características iorubás, no meio da diluição cultural que foi o processo de imigração compulsória, foi importante na música proveniente dessa matriz. Os Nagôs se tornaram os grandes responsáveis pelo surgimento da música brasileira afro-religiosa e de militância negra, como afoxés, blocos afro, cantos religiosos (pontos).

Antes da diáspora, existiam na Bahia, sob influência nagô, os afoxés, que eram blocos e cordões carnavalescos feitos por adeptos da tradição dos orixás e eram conhecidos como “candomblé de rua” (Lopes, 2005). O principal cordão, existente até hoje e com filial no Rio de Janeiro, é o Filhos de Gandhi.

Nesses cordões, as músicas eram cantadas em iorubá e tratava-se de cantigas

referendadas principalmente à Oxum (orixá das águas doces). Desses afoxés, fixaram-se na nossa música, instrumentos iorubanos, como o atabaque “ilu”, agogôs e xequerês.

Já com o movimento de luta diaspórico, surgem os blocos afro com o intuito de “reafricanizar” (Lopes, 2005) o carnaval soteropolitano. Esses blocos nascem pretendendo afirmar a negritude, instruir sobre história e cultura africanas e denunciar a situação socioeconômica do negro. Grupos conhecidos até hoje, como Olodum, Ilê Ayê e Timbalada, são originários desses blocos afro.

1.2 Música popular e religiões de matriz africana

Na interseção entre a música popular e a religiosa, ou melhor, na influência dos cultos religiosos sobre os músicos populares, dá-se também a interseção das duas matrizes, na medida que começam a surgir elementos estéticos, musicais, vocábulos e referências das religiões afro-brasileiras na música que acontece fora dos cultos. É nesse momento, observando as primeiras aparições dessas referências na música de compositores importantes, que se pode confirmar uma primeira associação feita entre a música de matriz africana à palavra macumba.

Como listou Nei Lopes (2005), as primeiras evidências da influência religiosa que os cultos de origem africana exerciam sobre a música popular, podem ser constatados a seguir:

- Mano Elói – principal fundador da Império Serrano – gravou o 1º disco de pontos de candomblé, seguido de Amor (Getúlio Marinho da Silva);
- Chiquinha Gonzaga - “Candomblé” (gênero: batuque), 1888;
- Eduardo Souto e João da Praia - “Pemberê”, 1921;
- Sinhô - “Macumba Jejê”, 1923;
- Pixinguinha, Donga e João da Baiana - “Xô, Curinga” - gênero: macumba, 1932;
- Pixinguinha e Gastão Viana - “Yaô”, 1938;
- Donga e Zé Espiguela - “Macumba de Iansã” e “Macumba de Oxossi”, 1940;
- Pixinguinha - “Benguelê”, 1946;
- Clementina de Jesus – interpretou vários jongsos, lundus, sambas rurais, cânticos rituais recriados – resgate da ligação entre o mundo do samba e dos cultos afro.
- Baden Powell, Vinícius de Moraes e Toquinho – Afrosambas, 1966, 1971 e 1972;
- Martinho da Vila – cantigas rituais da umbanda, 1970¹.

Contudo, a palavra “macumba” nestes casos acima, como pode ser observado, é usado única e exclusivamente como definição de gênero, de músicas que possuem referências assumidas e conscientes dos cultos religiosos afro-brasileiros, assim como a

¹ No texto original a relação de músicas não aparece desta maneira e sim em forma de texto corrido. Foi uma escolha minha expor a listagem em forma de itens para melhor visualização.

palavra “batuque”.

1.3 Lei 10.639 de 2003 – A obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira.

Após termos reconhecido que, de fato, grande parte de nossa música, dança, costumes, vocabulário, crenças e práticas são heranças trazidas dos povos africanos, um segundo passo, pequeno, porém importante foi dado na direção de ratificar esse reconhecimento: a criação e aprovação da Lei 10.639/03, lei essa que torna obrigatório o ensino e aprendizado de história e cultura africanas nas escolas regulares brasileiras. Porém, pouco foi feito efetivamente para garantir um ensino de qualidade e eficaz no sentido de promover nossa cultura. O tema deste trabalho joga em questão a recorrência de uma – dentre várias possivelmente existentes – deficiência nesse processo.

A Lei 10.639 de 2003 que altera a anterior Lei de Diretrizes e Bases 9.394, de 1996 e inclui nessas diretrizes o ensino de história e cultura afro-brasileira, ainda faz-se saber:

Art 26 – A § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a **cultura negra brasileira** e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003, grifo meu).

Como fica claro no parágrafo acima, no termo grifado, a cultura de matriz africana se inclui nessa obrigatoriedade, não podendo teoricamente ser impedido o seu ensino em nenhuma circunstância. E como mencionado na introdução, ressalta a importância das disciplinas de artes (assim como as de literatura e história) para o cumprimento dessa função.

Entretanto, uma dificuldade já se apresenta no que diz respeito à formação dos responsáveis por essas disciplinas. Oliveira *et al* (2011), em uma pesquisa feita com 26 professores de história, literatura e artes do segundo segmento do ensino fundamental de sete escolas da Região Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, comentam a falta de preparo por parte desses profissionais, que declararam não haver tido contato com esse conteúdo em sua formação.

O objetivo de nossa investigação foi identificar como a obrigatoriedade legal do ensino de história e cultura afro-brasileira está se materializando na prática pedagógica destes docentes. É importante ressaltar que a maioria dos docentes que integram nossa pesquisa reportou que não teve em sua formação acadêmica nenhuma referência à História da África como veremos ao longo deste trabalho (OLIVEIRA *et al*, 2011, p. 6).

Em uma pesquisa parecida, Moraes (2013) também expõe uma deficiência da parte do corpo docente em lidar com o novo conteúdo incluído na Lei de diretrizes e bases.

Já era fim da manhã e o auditório da escola esvaziava-se aos poucos, quando uma frase chamou a atenção dos presentes: ‘Chuta que é macumba!’, disse um professor que participava de um Seminário de Promoção da Igualdade Racial, voltado para profissionais da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. A frase era acompanhada de um pedido de esclarecimento, dirigido a mim, que havia acabado de proferir uma palestra sobre a conformação das religiões afro-brasileiras na capital de Minas (MORAES, 2013 p. 252).

Por outro lado, também é recorrente a resistência dos próprios alunos e suas famílias em participar de aulas cujos conteúdos sejam de temática africana ou afro-brasileira, resistência essa que desencadeou as indagações que me levaram a escolher este assunto. Neste sentido, Cruz (2007), logo nas primeiras palavras de sua introdução, “Fundamentos de querela”, resume:

Testemunhei pela primeira vez esta questão na minha adolescência, no ano de 1976, quando estudava em uma escola pública na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde uma tia minha lecionava. Ela convidou minha irmã, na época recém-iniciada no candomblé, para ensinar dança afro às alunas da escola. Várias alunas se matricularam. No entanto, uma delas foi terminantemente proibida de participar por sua mãe, que era membro de Assembleia de Deus, alegando que não queria que a filha aprendesse a dançar macumba. A aluna em questão, minha colega de turma, era mulata como minha irmã, e não cheguei a conhecer sua mãe (CRUZ, 2007, p. 2).

Analisando toda essa bibliografia, pode-se afirmar que à uma distância muito grande entre a ratificação da lei e seu cumprimento efetivo, e as dificuldades que se colocam diante desse cumprimento da lei, aparece exatamente nas salas de aula das disciplinas onde este conteúdo está mais presente.

CAPÍTULO 2

PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo estão descritos os procedimentos adotados para coleta de dados assim como o material utilizado para sua realização. Ao questionário aplicado foi dado o nome de “teste de escuta”. O teste foi realizado na sala de música da escola com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental. Estavam presentes na aula 29 alunos.

2.1 A escolha dos exemplos de escuta

Foram escolhidas 16 músicas para servirem de exemplo no processo. O critério da escolha foi buscar traços diferentes em músicas brasileiras e estrangeiras de matriz africana, como timbre de voz, formação (instrumentos), arranjo, execução, assim como músicas da cultura popular brasileira que não fossem de matriz africana.

Dessa maneira, foram escolhidos dois jongos: “Eu vim da Barra”, *Jongo Quilombo São José* e “Mamãe foi pro jongo”, *Jongo da Serrinha*. O primeiro, um jongo mais tradicional, uma gravação mais rústica, caseira, sem instrumentos harmônicos. Sua formação se trata de uma voz principal feminina com timbre estridente, conhecido como “de lavadeira” (provavelmente uma senhora mais velha), a resposta (coro), atabaques e palmas, como os jongos são tradicionalmente executados nas festas, sem qualquer complexidade de arranjos vocais. O segundo, um jongo mais moderno, uma gravação de estúdio, um arranjo vocal (com divisão de vozes no coro de resposta), uma voz principal feminina apresentando mais técnica e limpeza vocais.

Foram escolhidos também três maracatus. Seguindo o mesmo padrão da escolha dos jongos, o primeiro, do *Maracatu Estrela Brilhante*, de Recife, “Moro Omim Má”, com uma formação tradicional e uma gravação de baixa qualidade. A cantora, também uma senhora lavadeira, sem coro de resposta. Esse maracatu é cantado em iorubá e trata-se de um ponto de candomblé² para o orixá Oxum.

O segundo, “Toque o gonguê”, outro maracatu do *Estrela Brilhante*, porém com uma gravação de estúdio, apresentando algum cuidado com arranjos vocais, dessa vez uma voz masculina cantando em português e o coro de resposta.

2

Ponto de candomblé é o nome dado aos cantos executados em algumas práticas religiosas de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Existem pontos específicos para cada orixá e outras entidades, como o preto velho, caboclo, pomba gira da Umbanda, por exemplo.

O terceiro maracatu escolhido é um tema do grupo recifense *Nação Zumbi*, “Banditismo por uma questão de classe”, maracatu esse totalmente modernizado, executado com uma formação de banda de rock (baixo, bateria, guitarra), acrescida de alfaias³. É um maracatu que foge timbristicamente totalmente dos padrões tradicionais e possui uma influência de rock facilmente identificada.

Foram escolhidos também um funk carioca, um samba e um RAP nacional (“O endereço dos bailes”, *MC Junior & MC Lonardo*, Feirinha da Pavuna, *Jovelina Perola Negra* e “RAP du bom”, *Rappin Hood*, respectivamente), todos gêneros de matriz africana que foram popularizados pelo mercado fonográfico e transformados em produtos de domínio nacional.

Um ponto de Exu, “Exu”, *Metá Metá* e um coco de embolada, “Coco dub”, *Nação Zumbi*, ambos se utilizando de distorções e efeitos de guitarras e voz, ruídos computadorizados e percussão feita com instrumentos tradicionais. O primeiro cantado em iorubá e o segundo em português.

Um forró de Luiz Gonzaga, “A feira de Caruaru” e um frevo de rua, de Maestro Nunes, “Cabelo de Fogo”, foram escolhidos como música de cultura popular que não têm origem na matriz africana.

“Canto de Xangô”, de Baden Powell e Vinícius de Moraes como um exemplo de música de matriz africana brasileira (música de terreiro) misturado com música de matriz africana estrangeira (jazz). Uma mistura que não se dá apenas nos gêneros, mas também na formação, no arranjo e na harmonia, apresentando ao mesmo tempo instrumentos de percussão tradicionais (atabaque, gonguê), a forma de canto (voz principal e coro de resposta) e instrumentos menos rústicos, como o violão e a flauta, com frases melódicas e harmonia jazzísticos.

E por último, três músicas de matriz africana estrangeiras: um afrobeat de Benin, “Sé We No Man”, *Orchestre Polyrythmo de Cotonou*, um coro étnico africano executado por um grupo chileno de música étnica africana, *Orixangó*, que canta em algum idioma africano e espanhol, e o reggae jamaicano, “One Love”, de *Bob Marley*, gênero que se tornou um produto de domínio mundial.

De todas as músicas escolhidas, foi retirado um trecho de aproximadamente 25 segundos, a fim de que o teste não se tornasse muito longo e cansativo para os alunos. Os trechos retirados procuraram conter as características que foram determinantes na escolha de cada música, sendo a parte desta que possuísse os instrumentos, timbres,

3

Alfaia é um tambor feito com aro de madeira e membrana de couro usado tradicionalmente no maracatu de Pernambuco.

ritmo e/ou cantos que a caracterizassem como descrito acima. Cada trecho será chamado

de ex. 1 (exemplo 1) à ex. 16 (exemplo 16), conforme a lista contida no início do trabalho.

2.2 A aplicação do “teste de escuta”

A ordem de apresentação dos exemplos foi aleatória, não seguindo uma lógica de padrões que pudesse causar uma indução de raciocínio nos ouvintes. O teste aconteceu em dois momentos, sendo apresentado do primeiro ao oitavo exemplo no primeiro tempo, seguido de um intervalo de meia hora (recreio) e então, no segundo tempo de aula, do nono ao décimo sexto exemplo.

Foi entregue aos alunos uma folha em branco. Os alunos foram orientados a não se identificar. Foi explicado a eles que prestassem atenção a cada exemplo que seria repetido duas ou três vezes, conforme a necessidade, e então escrevessem no papel, respectivamente a cada exemplo, tudo o que “viesse à cabeça”. Como auxílio, foi sugerido que fosse escrito, por exemplo, o que eles achavam que era pertencente a qual gênero, se conheciam ou não, se gostavam ou não, que instrumentos, ao que remetia, etc. Em nenhum momento, apesar de uma certa demanda da parte dos alunos, houve ajuda para identificar quaisquer das questões acima.

Todo o processo de aplicação do teste foi gravado (áudio), arquivo esse que não será analisado para este trabalho.

Após executado o teste, as folhas foram recolhidas e as respostas dos alunos foram transcritas para uma tabela com o objetivo de obter uma melhor visualização dos dados. Esta tabela contendo todas as repostas dos alunos está no anexo. Nas tabelas, os alunos foram identificados como A1 (Aluno 1), A2, A3, sucessivamente.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente, sob o aspecto do reconhecimento de gêneros, da identificação de instrumentos musicais, da referência a algum lugar (cidades, estados, países, continentes, etc.) e da associação dos exemplos à macumba e/ou alguma prática religiosa de matriz africana.

De antemão faz-se necessário reforçar o fato de que nenhuma conclusão tirada dessa análise pretende ser uma afirmação definitiva dos fatos e sim hipóteses.

3.1 – Categorias e quantidades

A análise qualitativa dos dados não pretende chegar a nenhuma estatística, e sim quantificar os resultados, podendo-se assim visualizá-los e compreendê-los melhor.

Na tabela que segue abaixo procurei quantificar as respostas dos alunos a partir de categorias deduzidas por meio da análise qualitativa dos dados que será discutida adiante. A primeira categoria – MACUMBA/RELIGIÃO – corresponde às respostas que utilizaram a palavra “macumba”, mas também as que fizeram referência ao “candomblé”, “umbanda”. A segunda – MÚSICA AFRICANA – diz respeito às respostas que citaram a África e/ou a cultura africana como referência. Em “OUTROS”, estão reunidas todas as respostas que fazem associação com outros gêneros ou referências que não tenham ligação com a matriz africana. A categoria “OPINIÃO DE GOSTO” contabiliza as respostas que não fizeram associação nenhuma e se limitam a emitir o gosto pessoal do aluno. “COMENTÁRIO VAGO” corresponde às respostas que por si só não fazem referência a nada que possa ser compreendido literalmente. Entram nessa categoria respostas que citam pessoas e situações da vida pessoal do aluno e que são alheias ao meu conhecimento para que daí possa tirar alguma informação. Por último, “NÃO ENTENDEU” reúne as respostas onde o aluno declara literalmente não ter entendido o exemplo musical.

TABELA 1: CATEGORIAS DEDUZIDAS DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS E SUA FREQUÊNCIA DE ACORDO COM CADA EXEMPLO MUSICAL

	MACUMBA/ RELIGIÃO	MÚSICA AFRICANA	OUTROS	OPINIÃO DE GOSTO	COMENTÁRIO VAGO	NÃO ENTENDEU
EX. 1	20	2	2	2	3	0
EX. 2	4	0	8	7	8	2
EX. 3	2	12	6	5	4	0
EX. 4	4	4	7	6	5	3
EX. 5	0	0	22	4	3	0
EX. 6	1	0	23	0	4	2
EX. 7	0	0	26	1	2	0
EX. 8	4	5	4	7	6	3
EX. 9	3	0	9	2	6	9
EX. 10	1	0	13	3	5	7
EX. 11	0	0	21	2	5	3
EX. 12	0	0	22	1	4	2
EX. 13	8	0	3	4	8	6
EX. 14	2	7	8	6	3	3
EX. 15	4	13	2	2	4	4
EX. 16	0	0	19	4	6	0

Observando o primeiro exemplo da tabela, podemos observar que 20 de 29 alunos o classificaram como MACUMBA/RELIGIÃO e outros dois como MÚSICA AFRICANA. Talvez o exemplo mais importante, justamente por ser o primeiro, pois é o único em que os alunos não têm nenhuma ideia do que esperar do teste, foi o que captou de fato a primeiríssima reação dos alunos diante de uma música de matriz africana. É natural que os alunos não queiram se repetir nas classificações dos exemplos seguintes. Trata-se de uma música de matriz africana executada em sua formação tradicional, registrada em gravação caseira.

Unindo as categorias MACUMBA/RELIGIÃO e MÚSICA AFRICANA e considerando que ambas correspondem a uma referência à música de matriz africana, sendo elas relacionadas ou não às práticas religiosas, podemos observar que houve uma associação importante também dos Ex. 3, 4, 8, 13, 14 e 15 à essas categorias. Todos esses exemplos são de matriz africana, nacionais (Ex. 3, 4, 8 e 13) ou internacionais (14 e 15), sendo os Ex. 3, 4, 14 e 15 executados de maneira tradicional. Com relação aos Ex. 8 e 13, apesar de não se apresentarem de maneira tradicional, as mudanças timbrísticas e de arranjo não os descaracterizaram a ponto de não serem associados à sua matriz de origem. Nestes exemplos acima, a relação que os alunos fazem às duas primeiras categorias é sempre maior do que a feita à outros gêneros ou referências, ficando as respostas restantes entre as três últimas categorias que não deixam clara a ideia que o

aluno faz dos exemplos.

Nos Ex. 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12 e 16, não ocorre nenhuma ou quase nenhuma associação que se encaixe nas duas primeiras categorias e necessariamente nestes exemplos (com exceção do Ex.9) a maioria das respostas se concentram na categoria OUTROS. Estes são exemplos que correspondem à músicas de grande veiculação comercial, nacional ou internacional (Ex. 5, 6, 7 e 16), exemplos que não têm sua origem na cultura africana (Ex. 11 e 12) e exemplos em que a composição timbrística, assim como a formação instrumental e o arranjo fogem totalmente ao formato tradicional de execução. Isso pode querer dizer que quando se enquadram em algum desses três casos descritos, as músicas não são consideradas pelos alunos pertencentes à matriz africana.

3.2 – Análise qualitativa

A análise qualitativa foi feita afim de levantar hipóteses com relação às declarações que os alunos fizeram de cada exemplo.

Retomando o capítulo dois, onde são listadas algumas músicas sugeridas por Nei Lopes (2005) como exemplos das primeiras evidências da influência das religiões afro-brasileiras na música popular brasileira, fica claro que o termo “macumba” é adotado como gênero e associado às músicas que conscientemente possuem ou em sua letra, ou em sua formação instrumental, ou em sua “levada”, algumas características que remetam aos cultos afro-brasileiros.

Ao ter acesso aos dados coletados, é possível perceber que o uso da palavra “macumba”, feito pelos alunos não coincide com o feito pelos compositores, descrito acima. Ao que eu pude compreender, para os alunos, “macumba” é um termo genérico usado para definir práticas religiosas de matriz africana pejorativamente. Principalmente chega-se a essa conclusão, quando vemos quase sempre a palavra seguida de alguma opinião pessoal negativa, como “Macumba, ridiculamente ridícula” (A2), “Credo, mais macumba!” (A26) ou ainda “Macumba #susto” (A25)⁴.

A tabela 2 mostra a quantidade de respostas relacionadas a opinião pessoal do aluno.

⁴ Ver o quadro em anexo, onde se pode encontra a íntegra dos dados coletados.

TABELA 2: OPINIÃO DE GOSTO AOS EXEMPLOS MUSICAIS CATEGORIZADOS COMO “MACUMBA/RELIGIÃO” OU “MÚSICA AFRICANA”

	GOSTEI	NÃO GOSTEI	NÃO OMITIU OPINIÃO
Ex.1	0	4	25
Ex.3	4	9	16
Ex.4	1	7	21
Ex.8	1	10	18
Ex.13	2	7	20
Ex.14	10	4	15
Ex.15	1	9	19

Como a tabela 2 explicita, com exceção da música 14, o gosto dos alunos com relação aos exemplos categorizados por eles como “MACUMBA/ RELIGIÃO” ou “MÚSICA AFRICANA” é sempre em sua maioria negativo.

Uma hipótese levantada foi a de que o uso da palavra macumba pelos alunos está diretamente ligado à proximidade que o aluno tem com os cultos afro-brasileiros. Faz-se transparecer que todos os alunos que fizeram uso desse termo não tinham muito conhecimento ou intimidade com essas práticas religiosas e a veem com distanciamento e certo preconceito. Esses alunos limitam-se em classificar os exemplos como macumba e declarar suas reações negativas com relação a eles, pretendendo deixar claro que não possuem nenhum vínculo, não conhecem e não aprovam. Já os alunos que por sua vez possuem algum contato direto, ou que possam conhecer pessoas próximas que mantenham algum vínculo com essas religiões, ou que simplesmente não veem esses cultos como algo ruim ou negativo, não se utilizam do termo, associando os exemplos diretamente ao candomblé, à umbanda e/ou à cultura africana e procurando se aprofundar na escuta, listando os instrumentos identificados, à que remete (por exemplo à cultura baiana, pernambucana ou africana) e fazendo uma declaração mais detalhada⁵, como podemos ver a seguir: “Lembrei da capoeira. Voz muito grave desse cantor e da cantora, voz muito aguda. Acho que esses cantores são do Candomblé” (A3), “É música que tem instrumentos interessantes, é para o santo Xangô, que é um orixá. Atabaque, etc” (A19), “É uma música que gostam na África. É interessante porque ela no começo canta e depois os instrumentos se destacam” (A19).

Outra questão analisada foi a presença de algumas características musicais em todos os exemplos que foram considerados pelos alunos como pertencentes ou ligados aos cultos de matriz africana. Todos os exemplos que possuem determinados instrumentos, como o atabaque e o gonguê, que têm um arranjo onde a percussão se

⁵ Ver o quadro em anexo, onde se pode encontra a íntegra dos dados coletados.

destaca e são interpretados por cantoras que possuam um timbre de voz característico, conhecido popularmente como “voz de lavadeira”, são associados à macumba ou à prática religiosa de matriz africana. Alguns exemplos que também coincidem nos quesitos acima são associados à cultura africana, baiana e/ou pernambucana.

Por outro lado, essa associação praticamente não acontece quando os mesmos gêneros musicais são apresentados com uma formação instrumental não convencional, com instrumentos não pertencentes tradicionalmente nesses estilos e conhecidos pelos alunos por serem comuns em estilos divulgados pela mídia (como guitarra, baixo e bateria), ou quando ocorrem, são melhor aceitas. Ao apresentar, por exemplo, um maracatu tocado por uma banda de rock acrescida de alguns instrumentos tradicionais, como a alfaia e o gonguê, os alunos fazem declarações como: “Não conheço, mas é maneira, tem guitarra e bateria” (A12), “Isso é macumba, mas tem guitarra” (A25), ou ainda “Isso parece macumba com uma mistura de rock!” (A 26).

O Samba, o funk carioca, o rap e o reggae, apesar de gêneros pertencentes à matriz africana, são imediatamente identificados pelos alunos e não são, salvo raríssimas exceções, associados a qualquer prática religiosa e nem à cultura negra. São gêneros que fazem parte de um repertório comum e acessível dado que se tornaram produtos de consumo nacional (e internacional no caso do rap e do reggae). São gêneros utilizados pela televisão em novelas, programas, publicidade e filmes, o que os descaracteriza e afasta de sua origem negra apesar de muitas vezes serem executados por negros.

Aos exemplos cantados em iorubá, foram também atribuídos os cultos religiosos afro-brasileiros. Se por um lado os alunos não identificavam o idioma, por outro, talvez por uma sonoridade parecida com a dos nomes dos orixás (que são em iorubá), reconheciam que de alguma maneira aquilo estava ligado à cultura negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo feito a análise apresentada, se conclui que de fato há uma barreira sócio-religiosa que interfere diretamente no ensino e aprendizado de cultura de matriz africana. Há a necessidade de se desenvolver a pesquisa em um âmbito acadêmico mais avançado, utilizando-se de outras metodologias para se chegar a conclusões mais concisas que possam esclarecer o funcionamento da dinâmica escolar vivida hoje, no que diz respeito à relação do professor com o conteúdo em questão, as escolhas que esse professor faz para introduzir esse conteúdo às crianças, e essas, que por sua vez estabelecem uma relação com o mesmo conteúdo. Ao se fazer compreender cada vez mais essa dinâmica, a pesquisa pode colaborar no desenvolvimento de estratégias pedagógicas para que se torne possível obter sucesso na aplicação de tal conteúdo.

Apesar de o foco do trabalho ser essa terça parte da dinâmica descrita acima, que corresponde à recepção dos alunos com relação ao conteúdo de cultura africana e afro-brasileira, não foi possível deixar de passar, pelas outras duas partes, que são a relação do professor com o conteúdo estabelecido e o processo de ensino/ aprendizado adotado pelo mesmo, já que as três partes constituem um ciclo. Mesmo que de maneira muito breve, foi fácil perceber a carência que o professor possui em sua formação sobre história e cultura africanas, o que gera a falta de familiaridade com o assunto e a insegurança na hora de transmitir o conhecimento.

Além da formação acadêmica, há também a formação cultural desse professor que provavelmente vá interferir na relação que esse profissional estabelecerá com esse conteúdo e esta maneira, um círculo vicioso se cria: Será que um aluno A, que mal teve contato com o referido conteúdo ao longo de seus anos de estudo, ao escolher ser professor, receberá a formação sobre história e cultura africana da mesma maneira e com o mesmo aprofundamento que um outro aluno, B, que fez a mesma escolha profissional mas que, por sua vez, obteve em sua infância um contato mais efetivo com este assunto em sua formação escolar? Será que o aluno A será capaz de absorver, assimilar e prover um conhecimento relacionado a essa temática da mesma maneira que o aluno B? E assim por diante.

Há que se direcionar o estudo para uma reciclagem do currículo de formação do professor, assim como há que se reformular o currículo escolar de modo que se haja desde muito cedo um contato profundo com essas atividades a fim de desmitificá-las,

dissolvendo essa barreira construída pela ignorância e promovendo a inclusão efetiva de toda herança histórica e cultural de matriz africana na vida sócio-cultural do brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROYO, Margarete. *Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical*. In: *Revista da ABEM*, Nº 5, Londrina, setembro de 2000, p. 13-20.

BRASIL. *Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. In: *Diário Oficial da União*. Brasília, ano CXXXIV n. 248, Seção1, p.1., 23 de dezembro de 1996. Disponível em < <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1541961/pg-1-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-23-12-1996> > Acesso em: 7 junho. 2014.

_____. *Lei Nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003*. In: *Diário Oficial da União*. Brasília, ano CXL n. 8, seção 1, p. 1, 10 de janeiro de 2003. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/418044/pg-1-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-10-01-2003> Acesso em: 14 junho, 2014.

CRUZ, Robson Rogério. *Macumba na sala de aula: dilemas e desafios do ensino da "cultura negra" entre educadores evangélicos*. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia junho de 2007, Porto Seguro, Bahia.

FUKS, Rosa. *Teoria e prática: aparente dicotomia no discurso na educação musical*. In: *Fórum de Discussões do Projeto: Educação Musical para o Século XXI*, Rio de Janeiro, Nov/1994.

LAZZARIM, Luís Fernando. *Multiculturalismo e multiculturalidade: recorrências discursivas na educação musical*. In: *Revista da ABEM*, Nº 19, Londrina, Março de 2008, p.121-127.

LOPES, Nei. *A presença africana na música popular brasileira*. In: *Revista Espaço Acadêmico*, Nº 50, Uberlândia, Julho de 2005.

MORAES, Mariana Ramos de. *Não chute, é macumba! Ou melhor, uma oferenda! - Notas sobre as religiões afro-brasileiras no contexto da Lei 10.639/03*. In: *Revista Educação e Políticas em Debate*, vol. 2, nº1, jan./jul. 2013, Minas Gerais.

OLIVEIRA, Aline S. et al. *O ensino de história e cultura afro-brasileira: coisas do demônio ou caminhos para a construção de uma educação anti racista?* In: *ITABAIANA: GEPIADDE*, Ano 5, Volume 10, jul-dez de 2011.

PEÇANHA, João Carlos de S. *O choro, o samba de roda e a matriz africana*. In: *SIMPOM, sub-área de etnomusicologia*. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade e religião*. In: *Revista USP*, Nº 46, São Paulo, junho/agosto 2000, p. 52-65.

SANTOS, Erisvaldo P. Dos. *A educação e as religiões de matriz africana: Motivos da intolerância*. In: *Afrobrasileiros e Educação*, Nº21, UNILESTE, Minas Gerais.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina R. *Vivências e concepções de folclore e música folclórica: um survey com alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental*. In: *Revista da ABEM*,

Londrina, Nº 11, setembro de 2004, p.64-74.

MEIRELES, Cecilia. *Batuque samba e macumba*. Disponível em: <
<http://nuevomundo.revues.org/1555#article-1555> > Acesso em: 17 junho, 2014.

ANEXO

QUADRO DOS DADOS COLETADOS

	A1	A2
Ex.1	Macumba	Ridiculamente ridícula
Ex.2	O pai do Gabriel	Maneirinha
Ex.3	Volta pro buraco, Satanás	Gostei do ritmo
Ex.4	Gabriel incorporado	Prefiro não comentar
Ex.5	Funk maneiro	Gostei :)
Ex.6	Que merda é essa?	pagodão, Arlindo
Ex.7	Rap bolado	Racionais mc's
Ex.8	Chiquinho, pai do Gabriel, quando tá bêbado	música feia
Ex.9	Pega na minha e balança... Bota na boca e mama	Não entendi nada
Ex.10	Batida da galinha	Sei lá
Ex.11	Daniel Lopez cantando	forró
Ex.12	Gabriel batendo panela	Música de doido
Ex.13	O urubu não é ninguém, nem os animais. O urubu é o maikinho	Macumba pura
Ex.14	O cara tá cantando dormindo? Voz de morto	Gostei do jazz
Ex.15	Chiquinho cantando	Não gostei, muito batuque
Ex.16	MACONHEIRO	<3 <3 <3

	A3
Ex.1	Muito barulhenta
Ex.2	Música não é em português, é muito estranha
Ex.3	só tem música estranha, sem sentido. Não gosto. Essa música é gênero africano.
Ex.4	Morreu no morro, essa música é feia. Não gosto desse barulho. Eu gosto de música calma.
Ex.5	Não gosto de funk, é muito feio.
Ex.6	Gênero pagode, também não gosto, toca uma música gospel, uma da igreja, não essas horríveis.
Ex.7	Rap: nada contra, só não gosto. Racionais.
Ex.8	Não achei nada de mais, não é muito o meu estilo.
Ex.9	se só tem música que eu não gosto. Essa música na minha opinião é igual as outras, parece tudo o mesmo gênero, só identifiquei um samba, um rap, um funk e um
Ex.10	não sei o que dizer.
Ex.11	Lembrei do Nordeste e do Gonzaga. Essas músicas não são feias, algumas, apenas, não são meu estilo.
Ex.12	Lembrei do carnaval, parece que é música de carnaval. Isso tá muito chato.
Ex.13	Lembrei da capoeira. Voz muito grave desse cantor e da cantora, voz muito aguda. Eu acho que esses cantores são do candomblé.
Ex.14	Acho que tem um músico tocando saxofone.
Ex.15	Parece muito repetitivo, parece que estou ouvindo a mesma coisa, parece que é a mesma música.
Ex.16	Até que reconheci o canto, é Bob Marley, eu acho. Será?

	A4	A5	A6
Ex.1	Macumba	Macumba	Festa na macumba
Ex.2	Baiana	Música baiana	Uma pessoa enrolando a língua
Ex.3	Africana, Nordestina	Música nordestina	Parece a música que toca na macumba perto de casa
Ex.4	forró	Forró	Uma maquita descendo a ladeira, que estava garoando
Ex.5	Funk Melody	Funk Melody	Festa na favela
Ex.6	Samba	Samba	Um cara cantando com um ovo na boca
Ex.7	Rap: família Racionais	Rap – Racionais	Rap Racionais, a melhor música até agora
Ex.8	Africana.	Música Africana – cultura africana	Candomblé africano
Ex.9	Não identifiquei o tipo dessa música	Não identifiquei qual o ritmo dessa música	parece com uma música do comercial que eu já vi
Ex.10	Árabe e Indiana	Música indiana e árabe	fundo de novela
Ex.11	forró	Forró	arrastapé
Ex.12	Frevo	Frevo – Cultura pernambucana	Camaval da Bahia
Ex.13	Não identifiquei o tipo dessa música	Não sei	Música de orixá
Ex.14	Candomblé	Candomblé	pra mim ele tá enrolando a língua
Ex.15	Africana.	Não sei	centro de macumba
Ex.16	Reggae	Reggae	a segunda melhor música que já tocou dessas 16

	A7	A8	A9
Ex.1	Eu acho que o som é de macumba	Macumba	Macumba
Ex.2	Parece muito que é som baiano	música baiana	Música não é em português, é muito estranha
Ex.3	Pernambucana	Música nordestina	Nordestina
Ex.4	Baiano e forró	Baiano misturado com forró	Baiana misturada com forró
Ex.5	Funk antigo e melody	funk melody	Funk melody
Ex.6	samba	samba	Samba
Ex.7	Rap – Racionais	Essa música é maneira, rap é nós que cantar Racionais	Rap, família Racionais
Ex.8	Africana	Música africana	Africana
Ex.9	Não identifiquei nada	Não identifiquei essa música e nem ritmo	Não identifiquei
Ex.10	Indiana e árabe	música indiana e árabe	Árabe com indiana
Ex.11	Forró nordestino	Forró nordestino	Forró
Ex.12	frevo	frevo	Frevo
Ex.13	não sei	Não identifiquei.	Não identifiquei
Ex.14	Africana	Não brasileiro, tem um ritmo legal	Não é em português
Ex.15	Africana	Música africana	Africana
Ex.16	Reggae	Reggae	Reggae

	A10	A11
Ex.1	Veio a Tainá rodando a baiana	Atabaque
Ex.2	O pai da Raquel dando o troco no buzão	Atabaque, berimbau
Ex.3	Gostei dessa, kkk... animada	Africa do Sul, atabaque
Ex.4	Parece música de capoeira	Capoeira, atabaque, Rio de Janeiro
Ex.5	Funk da antiga é o melhor!	Buchechea, funk antigo, comunidade
Ex.6	Já zoei muito com essa música	Samba, pandeiro, cavaquinho, feira
Ex.7	Rap é cultura, fala com a população não tem coragem	Rap nacional, DJ
Ex.8	Música de corno	Flauta, vários instrumentos juntos
Ex.9	Música tema do Globo Cidadania	Apito, boa
Ex.10	Tema de Globo Ecologia	Tambor, guitarra
Ex.11	?	Forró, sanfona
Ex.12	Olha o frevo aí gente!	Festa, carnaval, Ôh Teresinha, frevo
Ex.13	O som da cuíca	Tambor, Chocalho, Triângulo, salve meu orixá
Ex.14	Não me liguei	Ação
Ex.15	Música negra	Angola, música estrangeira
Ex.16	Reggae!	Bob Marley, reggae

	A12	A13
Ex.1	Uma música agitada, tem tambores	Música de capoeira
Ex.2	Música com tambores e chocalhos	música com tambor
Ex.3	Música agitada. Muitas pessoas que cantam. Música de Afro- Africano	Música africana
Ex.4	Música estranha, não curti muito	uma música estranha
Ex.5	maneiro, gênero: funk com bateria	Funk: uma merda, sempre será
Ex.6	samba	samba, não gosto
Ex.7	Rap – racionais	rap, não curto
Ex.8	Música chata, tem cavaquinho	não entendi
Ex.9	Não conheço, mas é maneiro, guitarra e bateria	única coisa que eu entendi foi o tambor
Ex.10	legal, com instrumentos de corda	Ritmo
Ex.11	CHATA, nunca ouvi	Forró
Ex.12	Maneiro, com trompete e trombone	Ritmo de carnaval
Ex.13	É estranho, nunca ouvi com flauta...	Razoável
Ex.14	Baixo, trompete, piano são os instrumentos que consegui identificar. Gostei da parte dos trompetes.	não entendi
Ex.15	Nunca ouvi, mas é agitado. Não é brasileiro.	Música africana
Ex.16	Música maneira, parece reggae	Reggae

	A14	A15	A16
Ex.1	Eu acho que é capoeira	Macumba	Macumba
Ex.2	Eu acho que é quase um tipo de religião	Não sei de porra nenhuma	que porra é essa?
Ex.3	É uma música maneira e legal	Volta pra África, música africana	Vá volta pra África, música africana!
Ex.4	O pai fica na ladeira, é legal, mas muito intensa	A macumba da ladeira, morro do Paraíso	A macumba da ladeira, morro do Paraíso
Ex.5	Eu gostei por causa do ritmo: é mais divertida	Odeio funk	Funk maneiro
Ex.6	O tipo que eu gosto: samba é mais largado	não sei nem o que tá falando	Samba de macumba
Ex.7	Rap é uma música mais largada	rap	Rap bolado
Ex.8	é só toque tipo macumba, não gostei	precisa de aula de canto	Poxa vida, hein, uou
Ex.9	Eu gostei do ritmo, é legal e divertido	Rock, por favor!	que música é essa?
Ex.10	Eu gostei do ritmo, é mais alegre, Bahia	não ouvi música descente	A batida da galinha
Ex.11	Essa música é forró, tipo mais largada	êh boi... (2x)	Daniel Lopez cantando
Ex.12	É um tipo futebol, é brasileiro e legal	que porra é essa, MDS	O canto do curió
Ex.13	Ali ele falou que veio de longe, mas é legal	:P :(Sítio do pica pau amarelo
Ex.14	É tipo espião, mas é legal e largado	Globo Ação	Vai aprender a cantar, porra!
Ex.15	É africana, um pouco esquisito, é estranho e tem mais batida	Volta pro inferno, música!	Música africana
Ex.16	É tipo Bob Marley, é legal, tipo alegre	Maconha, isso é bom, vamos liberar, Brasil!	Tira o ovo da boca, caralho!

	A17	A18
Ex.1	Macumba	Thainam dançando e cano morrão
Ex.2	O pai do Ravel cantando	mãe do Lucas chamando ele pra almoçar
Ex.3	Vá volta pra África, música africana!	Roqueiro depois de fumar aquele baseado
Ex.4	A macumba da ladeira, Morro de São José	Uma cultura africana, com um som da banda Olodum
Ex.5	Funk no morro do Vidigal	O famoso funk melody, que reflete o dia a dia na favela
Ex.6	Na feirinha da Pavuna houve uma grande confusão	Aquele samba gostoso, muito bom pra despertar e aquecer o corpo
Ex.7	Rap dos Racionais	Rap, show demais, aquele momento de você curtir com a galera
Ex.8	O pai do Martinho cantando axé	Sei lá, não entendi nada, mas parece ser indígena
Ex.9	O Márcio capeta, o pai do Martinho quando está bêbado	Hip hop mais clássico
Ex.10	O Martinho pegando santo	Globo Ecologia
Ex.11	O pai do Martinho dançando forró	Grande Gonzaga!
Ex.12	Martinho batendo na panela	Ó o frevo!
Ex.13	O urubu não é ninguém, o urubu não é gente, o urubu é o pai do lago	k bum, k bum, k bum
Ex.14	Música do Globo Ação	Música/ cultura africana
Ex.15	Música africana	Tango da argentina
Ex.16	Maconheiro	Folha de bananeira

A19

Ex.1	Eu ouvi que uma mulher perguntando algo a alguém. Eu respeito religião porque eu tenho a minha
Ex.2	É uma religião que está cantando para "exum", santo da cachoeira
Ex.3	A música fala sobre sonho e estrela
Ex.4	Música fala que "neném quer mamadeira", mas "papai foi na ladeira", ele é tão sortudo que estava chovendo
Ex.5	Música que quando era moleque eu ouvia e também fala sobre o futebol, é música que fala sobre o morro do Boréu
Ex.6	Pagode está falando sobre confusão porque sempre bebe dá briga. Instrumentos: pandeiro, cavaquinho
Ex.7	Eu sei que o rap nos Estados Unidos é funk, mas eu gosto e pede para se ligar no som. Eu acho maneiro, mas não curto muito.
Ex.8	É uma música entrando cantando para caboclo com instrumento como atabaque, etc...
Ex.9	É uma música interessante porque é usado os sons do grilo com o som do atabaque. É uma música ritmo legal
Ex.10	É uma música interessante porque é da Bahia e tem guitarra, etc.
Ex.11	Essa música é muito usada para quadrilha de dia de São João
Ex.12	É uma música para carnaval, para quem gosta de fazer na rua
Ex.13	É uma música que tem instrumentos interessantes, é para o santo Xangô e um orixá. Atabaque, etc
Ex.14	É uma também interessante e legal, com ritmo africano: eu nunca ouvi, mas tudo bem. Piano, contra baixo, etc
Ex.15	É música que gostam na África. É interessante que ela no começo canta e depois os instrumentos se destacam
Ex.16	É uma música maneira porque ela é boa ouvindo na praia, um reggae é bom estando tomando uma água de coco e banho de sol

	A20	A21	A22
Ex.1	Lembro do Tauan na macumba	Macumba	Macumba
Ex.2	Coisa de louco	Mãe do Lucas cantando	Coisa de louco
Ex.3	Acho que é de doído	Música pra escutar depois de fumar um boldo	Toca sinhá, toca sinhô, sou afro africano
Ex.4	Mãe do Daniel o chamando para soltar a franga	Mãe do Mark maluca	Olodum
Ex.5	Lembra as músicas boas antigas	Lucas na favela fumando um boldo com o cú de fora	Funk antigo
Ex.6	O Marksandro no churrasco na favela, samba do bom	Lembra o Mark vestido de mulher	Pagode, samba
Ex.7	Samba do bom	Gabriel fumando um boldo	Rap
Ex.8	Rap maneiro	Música de maluco	Batuque do tambor
Ex.9	Hip Hop maneiro	Música do Tio San	Batuque da macumba
Ex.10	Num sei	Não sei	Globo ecologia
Ex.11	ééé boi!	Música da Cidade de Deus	Forró
Ex.12	Forró	Camaval	Camaval
Ex.13	Tata bum	Só maluco escuta essa música	Macumba/ Orixás
Ex.14	Batuque legal	Tonteia	Batuque legal!!!
Ex.15	My god	me tonteia	Batuque de pandeirola
Ex.16	Reggae	música de maconheiro	Reggae

	A23	A24	A25
Ex.1	Horível: parece macumba	Ridícula: parece macumba	Macumba
Ex.2	Horrorosa e não em português	Estranha pacas	Mais macumba
Ex.3	gostei do ritmo, é baiano, vai passar	Repetitiva, mais ou menos	Música africana
Ex.4	São José (muito esquisita)	Dá pra dançar, mas é feia	Não entendi nada
Ex.5	Muito show, isso que era funk, porque agora só proibidão	é show, agora sim!	Funk, batida legal
Ex.6	boa, um pagode (Arindo Cruz)	Samba é show, ainda mais com Arindo Cruz	Samba
Ex.7	rap	Rap é show (MC's Racionais)	Rap maneirinho
Ex.8	tem muito barulho	Muito barulhenta, não dá pra entender	Que horror!
Ex.9	ritmo maneiro	Coisa de doido	Sei lá o que é isso, macumba com guitarra
Ex.10	não gostei, mas ouço direto	Ritmo maneiro	?
Ex.11	chata	Forró maneiro	Baião
Ex.12	parece música de carnaval	Frevo é show pra dançar	Parece carnaval
Ex.13	Baiano	Sai, feia demais!	Mais macumba #susto
Ex.14	horível.	Parece um jazz, é show!	Batuque
Ex.15	chata, um saco	Africana, parece ritual	credo!
Ex.16	reggae, a melhor música!	reggae, a flor, parceria, é show" Bob Marley	Reggae

	A26	A27
Ex.1	Macumba	Macumba
Ex.2	Estranha	Macumba
Ex.3	Música afro	Baião
Ex.4	não conheço	Afro
Ex.5	No Rio tem muita mulata – Funk antigo	funk
Ex.6	Opal Batida legal :) samba!	samba
Ex.7	Rap legal	RAP nacional
Ex.8	credo	Macumba
Ex.9	eita, isso parece macumba com uma mistura de rock	?
Ex.10	essa música só tem som	?
Ex.11	quadilha	Baião
Ex.12	Folia, carnaval	Música instrumental
Ex.13	macumba #susto	?
Ex.14	afro	?
Ex.15	mais macumba, credo!	?
Ex.16	Reggae	Música muito foda, muito boa, a melhor música que eu escutei hoje

	A28	A29
Ex.1	Macumba	Ridículo
Ex.2	Tambor	Feio
Ex.3	Afro	Mais ou menos feia
Ex.4	Pandeiro	feia
Ex.5	funk	bom, show
Ex.6	Samba de raiz	uma das melhores, pagode
Ex.7	rap	maneira
Ex.8	não gostei	feia
Ex.9	guitarra	não entendi nada
Ex.10	gostei	sei lá
Ex.11	forró	forró
Ex.12	trombeta	essa é mais ou menos
Ex.13	Bahia	música de doido
Ex.14	ritmo legal	gostei do jazz
Ex.15	não entendi	não gostei, muito batuque
Ex.16	Bob Marley	gostei